

UNDER ALL OF THIS de Cristina Ataíde

A caminho das estrelas

Sobre o pó do caminho terá Cristina Ataíde aprendido o valor das pequenas coisas e o desejo de olhar para longe. A pouco e pouco, observando os vagues do mundo, tem ela construído o seu percurso pessoal e artístico que agora conflui nestas três salas da Galeria Belo-Galsterer, e nos propõe um olhar e sentir para além de nós.

Entre o desenho e a escultura, esta exposição mima um percurso que sobe da terra para o firmamento, convidando a ver o chão que pisamos e o céu sobre as nossas cabeças, inserindo-nos num cenário maior. Com o sugestivo título *Under all of this*, os trabalhos recentes da artista relembram a nossa posição no universo. Grãos de pó de olhos deslumbrados, devemos atentar no caminho, crescer com ele, integrá-lo com naturalidade e bonomia, compreendendo a pertença e relativizando tudo o mais — incluindo o fim.

Lembrando-o, a exposição começa com desenhos em tons cálidos de vários vermelhos, saturados de pigmentos e magnéticos como corpos sólidos, que a cor enforma fazendo-os escapar da bidimensionalidade. A presença destes desenhos liga-nos à obra anterior da autora, com os seus trabalhos de captação de texturas terrenas, com a matéria do mundo que pisamos. A cor é densa e vibra sobre o papel, avançando no espaço como um corpo próprio, um corpo de cor e sensações, em tudo igual ao nosso, em tudo sumarizando o nosso. Porém, no mesmo instante em que recorda a terra, a obra evolui já para o elemento seguinte. Mais do que o ar, porém, é o firmamento que nos espera, como um futuro em que tudo se dilui.

E, na sala seguinte, Cristina Ataíde retoma o desenho de corpo cromático em mais variantes de vermelhos que põem ao rubro mapas de estrelas. Aqui acaba-se o chão e a tentação é o voo do olhar, o necessário mapear de caminhos que apenas conhecemos à distância de anos-luz, à distância da memória das estrelas. E assim encontramos a resposta às nossas preces: sobre o traçado cartográfico estelar, que regista as declinações das estrelas, ou seja, o seu movimento pelo universo, o paralelo que, do nosso pequeno território errante, registamos da sua dança, Cristina Ataíde desenhou outros mapas. São mapas pessoais, à escala do humano, à escala do nosso olhar, sobrepondo-se às estrelas, seguindo-as, obedecendo-lhes.

Essa coabitação de traçados estelares com registos pessoais recoloca-nos no universo. Não no centro, de onde há muito escapámos, mas num lugar errante e errático, geométrica e gravitacionalmente rigoroso, que nos liberta e engrandece no mesmo acto que nos descarta.

Necessitando sempre de um posto para observar, a escultura faz a sua aparição como posto de análise. Como um observatório primordial, canal de relação com o universo, esta peça escultórica de grandes dimensões, que partilha com os mapas o espaço da segunda sala, convida a entrar fisicamente nela para, erguendo os olhos, observar o céu. Compreensivelmente, estando no interior, como numa nave, mas sem céu à vista, o convite interpela a imaginação e a escultura — como a luz que tudo modula — reitera por isso o convite no plano plástico.

A observação proposta não apela, contudo, apenas à vista, como já referi, mas também ao corpo, ao sentido de equilíbrio, a um modo de participação. Círculos côncavos e convexos de mármore pontuam o chão da sala. Podemos pisá-los, se ousarmos, como plataformas a partir das quais relacionamos o nosso corpo com o espaço envolvente. Sentir o chão para melhor olhar o céu? Cristina Ataíde lembra-nos que chão e céu são simplesmente duas faces do mesmo universo. A luz é, por isso, também, um elemento fulcral nesta exposição. Centrada no desenho, capturando em contra-luz a peça de escultura, ela dirige o nosso olhar, sugere caminhos, aponta o tempo.

Na terceira sala, um único objecto espera o visitante. Suspenso do tecto, um tubo de mármore sugere outro instrumento óptico apontado ao infinito. Espreitando para o seu interior, a sua estrutura reafirma o que as pedras nunca nos deixam esquecer: que os seus corpos guardam em si a memória das constelações.

Não deixa de ser curioso que este caminho para as estrelas nos seja proposto por Cristina Ataíde dentro de uma casa. Ora a casa, sabemos-lo, é o umbigo das nossas vidas. Eixo de todos os sentidos, ela é simultaneamente o local de onde partimos para nos perdermos e assim nos encontrarmos. É também metáfora para o nosso último lugar. Dela, observamos a nossa vida e as dos que nos rodeiam. O mundo e que o está para além. O céu diurno e nocturno. O voo dos pássaros, o quieto murmurar das árvores. E os mapas das estrelas, coreografia da sua infinita dança.

Ora, sabemos que olhar para as estrelas é olhar para o passado. Sabemo-lo porque estamos cientes de que a velocidade da luz guarda uma vertigem particular. Chegam até nós ecos de estrelas que há muito terão já entregue o seu fulgor ao firmamento, transformadas em buracos negros, em eventuais túneis de tempo, em pó — como nós. A casa é, por isso, o melhor lugar para observar tudo isso e repensar o nosso lugar. O lugar para melhor nos cosermos ao sentido do todo. Com fascínio e responsabilidade. No corpo e na alma. E no que nos rodeia. Porque somos únicos e estamos *Under all of this*.

Emília Ferreira
Almada, 9 de Outubro de 2016

BIOGRAFIA

Cristina Ataíde (Viseu, 1951) vive e trabalha em Lisboa.

Licenciada em Escultura pela ESBAL, Lisboa. Frequentou o Curso de Design de Equipamento da ESBAL, Lisboa.

Foi directora de produção de Escultura e Design da Madeln, Alenquer de 1987 a 1996 onde trabalhou com Anish Kapoor, Michelangelo Pistoletto, Keit Sonnier, Matt Mullican, entre outros.

Expõe com regularidade desde 1984. A sua obra feita muitas vezes em viagem, transita entre a escultura e o desenho passando pela fotografia e vídeo.

As suas mais recentes exposições individuais foram em 2015: PERCURSOS EM DERIVA, Paço das Artes, São Paulo, BR; SER LINHA SER, Fundação Carmona e Costa, Lisboa com curadoria de João Pinharanda, PT; TIME AND WEATHER, The Shed Space Gallery, Brooklyn, New York, EUA. Em 2016 expôs também no Museu Afro-Brasil em São Paulo como parte da mostra Portugal, Portugueses.

A sua obra é representada nas grandes colecções institucionais como do Museu Gulbenkian, Coleção Caixa Geral de Depósitos, Lisboa, Fundação Carmona e Costa, Coleção António Cachola, Coleção PLMJ, Coleção NOVO BANCO (antiga Coleção BES), Coleção Centre d'Art Contemporain Essaouira, Marrocos, Coleção Museu Afro-Brasil, S. Paulo, Brazil, entre outros.

UNDER ALL OF THIS by Cristina Ataíde

On the way to the stars

In her life, Cristina Ataíde must have learned the value of small things and the desire to look far away. Bit by bit, observing the wanderings of the world, she has constructed her very own personal and artistic process that now is brought together in these three rooms of Galeria Belo-Galsterer, proposing observations and sensations, which lay beyond us.

Between drawing and sculpture, this exhibition imitates the trajectory that ascends from earth to the firmament, inviting us to look at the floor we walk on and the sky above our heads, thus integrating us into the bigger scene. With the suggestive title “Under All of This”, these recent works by the artist do remind us of our position in the universe. Dust in our astonished eyes, we should try this path, growing whilst walking on it, integrating it naturally and good humouredly, understanding where we belong to and relativizing everything else – the end included.

Remembering this, the exhibition begins with several drawings in warm shades of red, saturated with pigments and magnetic as solid bodies, formed by colour that helps them escaping their bi-dimensionality. The presence of these drawings connects with the earlier oeuvre of the artist, with her works capturing earthly textures, as well as the worldly materials we step on. Colour is dense and vibrating on paper, bringing itself into space as a proper body, a body of colour and sensations, in everything equal to our own one, recapitulating the sum of our existence. Nevertheless, in the same instant in which the work remembers the earth, it has already arrived at the next element. More than the air, it is the firmament that is awaiting us, like a future in which everything becomes diluted.

And in the next room, Cristina Ataíde will resume drawing as a chromatic corpus in several varieties of red that heat up the star map. Here the floor ends and our gaze feels tempted to fly out, to do the necessary mapping of paths we only know are at a distance of light-years, at the distance of a star’s memory. And that’s how we find an answer to our prayers: under the line of a stellar cartography that registers the declinations of the stars, or better, its movements through the universe; parallel, from our little erratic *territoire*, we register its dance, whilst Cristina Ataíde has drawn other maps. They are personal maps, at a human scale, the scale of our gaze, overlapping with the stars, following them, and obeying them.

This cohabitation of stellar tracings with personal registers puts us back into the universe. Not in its centre, where we got away from, but it puts us back into a place that is erratic and wrong, though geometrical and gravitationally rigorous, which liberates us and makes us stronger through the same act that we were rejected through.

Always in need of an observational post, the sculpture appears as a position of analysis. Like a primordial observatory, or relational channel with the universe, this sculptural piece of grand dimensions shares the other room with the maps, inviting us to inhabit it physically, so we can lift our eyes and observe the sky. Comprehensively, standing inside the sculpture, as being inside a space ship, but without any sky on view, this invitation interpellate the imagination and the sculpture – as the light that modulates everything – thus inviting us again onto a visual level.

This proposed observation doesn’t please, however, not only our look, as I already referred to, but also the body, our sense of equilibrium, and a sense of participation. Concave and convex circles punctuate the floor of the room. We can step on them, if we dare to, as platforms from which we relate our body with the surrounding space. Feeling the floor to better see the heavens? Cristina Ataíde reminds us that the ground and the skies are simply two faces of the same universe. Therefore, light is also, a fundamental element in

this exhibition. Centred on drawing, capturing in counter-light the piece of sculpture, the artists directs our look, suggests paths, points out into time.

In the third room, a singular object awaits the visitor. Suspended from the ceiling, a tubular marble piece, suggests another optic instrument pointed to the cosmic space. If we try to have a look into it, its structure reaffirms what the stones will never let us forget: their ancestral bodies hold inside them the memories of constellations.

It's rather curious that Cristina Ataíde proposes this way to the stars inside a building. Well, as for good as we know, the house (or the home) is the centre of our lives. Axis of all the senses, it is simultaneously the place we leave to get lost and where we come back to, after we have found ourselves. It is also a metaphor for our last place. From here, we observe our life, and that of those we are close to. The world and what sits farer away; the daily and the nightly firmament; the flight of the birds, the quiet murmur of the trees. And the star maps with their choreography of infinite dances.

Well, we know that looking at the star loaded sky is looking onto the past. We know it, because we are aware of the particularly vertiginous velocity of speed of light. We still see stars that have long gone out, transformed into black holes now, eventually time tunnels, and dust – like us. The house (or home) is therefore the best place to observe and to rethink our place in the world; the best place to create awareness of everything; fascinated and responsible. In our bodies and our souls. And with everything around us. Because we are unique and we are *Under All of This*.

text: Emília Ferreira
translation: Alda Galsterer

BIOGRAPHY

Cristina Ataíde was born in Viseu in 1951. She lives and works in Lisbon. She finished her major in Sculpture at ESBAL, Lisbon (Fine Arts Academy of Lisbon). She also studied Equipment Design, at the same university: ESBAL, Lisbon.

Ataíde was Head of the Sculpture and Design's department at MadeIn, a Portuguese marble production company, between 1987 and 1996, where she worked with Anish Kapoor, Michelangelo Pistoletto, Keit Sonnier and Matt Mullican, between others.

Since 1984, the artist exhibits her work regularly. Her oeuvre is created mostly during travelling, moving between different media as sculpture and drawing, with excursions to video and photography.

Her most recent solo exhibitions in 2015 were: Percursos em Deriva, Paço das Artes, São Paulo, BR; Ser Linha Ser, Fundação Carmona e Costa, Lisboa curated by João Pinharanda, PT; Time and Weather, The Shed Space Gallery, Brooklyn, New York, EUA. In 2016 she showed an installation at the Afro-Brasil Museum in S. Paulo, BR as part of the important group exhibition *Portugal, Portugueses*.

Her work can be found in several major institutional collections, as e.g. Gulbenkian Collection, Caixa Geral de Depósitos Collection, Lisboa, Carmona e Costa Foundation, Collection António Cachola, Collection PLMJ, Collection NOVO BANCO (former BES Collection), Collection Centre d'Art Contemporain Essaouira, Marrocos, Collection Museu Afro-Brasil, S. Paulo, Brazil, between others.

CORPOS SELVAGENS de Marta Alvim

[A passagem entre as coisas]

O trabalho que Marta Alvim nos apresenta divide-se em três grupos de fotografias, um vídeo e um objecto que, embora autónomos, detêm uma leitura conjunta. Na verdade, reportando-se todos eles a uma série de referências que lhes são comuns, o seu sentido é reforçado quando, para além da leitura individual, sobressai a dinâmica que o conjunto articula.

Aquilo que Marta Alvim apresenta sedia-se numa leitura do mundo onde o discernimento que dele fazemos aponta para uma outra dimensão, aparentemente inacessível, mas presente em todos nós. O grau de subtilidade que estas obras sustentam apoia-se, assim, na natureza das questões levantadas, na forma como estas são abordadas, e na atenta percepção que reclamam ao observador.

Dir-se-ia que o seu trabalho, mais do que agir no registo das coisas, apreende a passagem que existe entre elas. E fá-lo invocando a condição de impermanência que permite a leitura da sua verdadeira natureza.

Desta forma, quando a artista nos apresenta o vídeo — *A Strange Form of Life – I*, onde a superfície de um lago é agitada pela chuva e pelo vento, o que verdadeiramente nos expõe é a existência de uma fronteira que separa algo que está patente (acima da superfície) de algo que apenas se adivinha (abaixo da linha de água). Uma membrana que, acusando a força do vento e da chuva, é fustigada e impressa por algo que é sentido mas que não é visto.

O que se vê é sim a expressão da sua influência, ou aquilo que, agitando a superfície, nos faz perceber a existência de algo que reside para lá da aparência e da sua primeira leitura.

De maneira idêntica, e em complemento ao momento que o vídeo nos mostra, Marta Alvim exhibe uma outra obra — *The Soul of Things* — composta por uma pedra de quartzo leitoso que, com peso, corpo e densidade, assume uma vincada presença física. No entanto, apesar da sua materialidade se contrapor ao já referido vídeo, ela aponta, novamente, para uma realidade que se situa para lá da evidência.

A pedra é, antes demais, uma ordenação de matéria que segue uma lógica e uma vontade específica. Uma ordem que em lugar de um estado líquido, se cristaliza num corpo sólido. A sua presença relembra-nos assim que, o que anima qualquer existência é um sistema de relações atômicas, surgido de uma outra vontade. Uma vontade que, para ser percebida, requer uma nova consciência e uma diferente forma de olhar.

É também isso que reconhecemos no tríptico das pequenas fotografias que, adoptando uma frase de Shakespeare — *When shall we three meet again... ?* — nos mostra um pássaro a desaparecer gradualmente num céu escuro e nublado. A frase reporta-se a Macbeth, e pertence às três bruxas que, na peça, gerem as relações de poder e levam à manifestação dos acontecimentos. Assim, se o desaparecimento da ave nos liga a uma condição de impermanência, a frase que a enquadra remete-nos a uma existência que assenta no contexto de uma natureza oculta. Mas se, até então, o que nos surgia era algo que se manifestava num local fixo e nomeado, seja o plano de um lago, ou uma pedra no pavimento da galeria, estas fotografias gerem, não só, a fugacidade da figura, mas também a indefinição do lugar. As fotografias expandem assim a ideia de algo que não se demora, e que, entre a entidade e o local, convida o observador a uma experiência de desterritorialização. Uma desterritorialização onde a sua percepção é ampliada, e ele se transforma num viajante.

Quer isso dizer que, se até agora percebemos que a existência de algo se pode manifestar de uma outra forma, e que a sua compreensão implica uma abertura do nosso olhar, percebemos então também que a abertura desse nosso olhar assenta num movimento, ou numa deslocação, que integra aquilo que é indefinido, incerto e passageiro.

A fotografia *Telepathic Experiences, fig. 1 and 2* parte desse mesmo princípio, e a relação de dimensão que é explorada espelha um paralelo entre uma pequena e uma grande escala. A imagem aproximada das ondas e a imagem alargada de uma nova paisagem, de vários sóis, invocam outros locais que partem de uma experiência interior. Assim, a referência ao processo telepático abarca uma maneira de encontrar e abranger esse outro lugar que, sendo interno, requer uma deslocação que não é física, mas sim mental.

O viajante que Marta Alvim nos convida a ser é alguém que desloca o seu olhar, a sua percepção e o seu entendimento, mas não necessariamente o seu corpo. Trata-se então de um convite para uma viagem pessoal, onde a impermanência é a condição base que nos permite tomar, ainda que de forma passageira, a natureza profunda das coisas.

Por fim, o díptico formado pelas fotografias *An Image of Happiness* e *Empathy* opera novamente sobre a deslocação, mas agora já não de uma realidade física para uma condição mental, mas sim de uma condição mental para um envolvimento sensorial e metacognitivo.

A ideia de empatia, que assenta na capacidade de se rever no outro, é algo que permite a cada indivíduo ir além de si próprio, pois estabelece um caminho que transcende o singular e impele uma consciência de cariz alargado. Por outro lado, o negro total, que é opaco e tudo absorve, responde a um estado de transformação em potência. Na filosofia Budista esta é a cor (ou a ausência de cor) que identifica o que contém em si todas as possibilidades para a transformação do ser. Nesse sentido, quando o título dessa imagem negra nos remete para uma noção de felicidade — *An Image of Happiness* — somos afinal transportados para um contexto de potencial encontro e plenitude, que a pequena imagem da paisagem montanhosa — *Empathy* — acompanha e reforça.

Então, essa plenitude em potência, essa possibilidade vasta de um qualquer estado de encantamento, surge pela mutação que em nós se opera. Mutação que se dá quando, sujeitos a um estado de mudança, nos expandimos interiormente. Expansão, mudança, ou deslocação para um outro território que a pequena fotografia, por empatia, alude. E que, por inerência, nos consciencializa da passagem entre as coisas e da condição de viajante.

Sérgio Fazenda Rodrigues, Outubro 2016

BIOGRAFIA

Marta Alvim (1979, PT) é uma artista plástica, escritora e cineasta. Os seus trabalhos marcam a passagem de dimensões interiores para o mundo exterior.

Visando a transformação e um explorar da relação que o Homem tem com o conhecimento, a espiritualidade e o mundo Natural, o seu trabalho procura encontrar novas relações de poder na sociedade dos dias de hoje.

Através do filme, da instalação e da fotografia, a artista explora convergências entre matéria e pensamento, abordando muitas vezes questões éticas em narrativas profundas e pouco convencionais onde predomina a alusão à ficção, ao sonho e à invisibilidade.

Abraçando alguns dos temas da metafísica e ideias de compaixão e subjetividade, o trabalho de Marta Alvim procura uma nova ecologia, aventurando-se por um terceiro lugar onde novas formas de pensamento possam contribuir para uma sociedade futura capaz de se harmonizar em conjunto.

O seu trabalho tem vindo a ser apresentado em galerias, museus, centros de arte e festivais de cinema independente, destacando-se, entre outras, exposições no MARCO (Espanha), CGAC (Espanha), Solar - Galeria de Arte Cinemática (Portugal), MUNHAC (Portugal), Fundação EDP (Portugal), Fundação Bancaja (Espanha), Budapest International Shortfilm Festival (Hungria), ExTeresa Arte Actual (Mexico), Cologne International Videoart Festival, (Alemanha), Streaming Museum (USA), e Bienal de Labin (Croácia).

Entre outras coleções institucionais a sua obra encontra-se representada na Coleção Fundação Bancaja, ES.

CORPOS SELVAGENS

by Marta Alvim

(The gap in-between things)

The works presented by Marta Alvim are divided into a group of photographs, a video, and an object. Though autonomous, they share a collective reading and respond to a set of references that are common to them. Thus, the meaning of each piece is reinforced as the dynamics articulated by the group are brought forward.

Alvim's works dwell on a way of engaging with the world that points towards another dimension. A dimension that appears to be inaccessible yet is present in all of us. The degree of subtlety that these works sustain is supported, in this way, by the nature of the questions they raise, by the way in which these are tackled, and by demanding careful observation.

One could say that her works, more than apprehending things, are concerned with the gaps that exist between them. The works do so by focusing on a condition of impermanence that allows for a reading of its true nature.

Thus, when the artist presents a video (*A Strange Form of Life – I*), where wind and rain stir the surface of a lake, what she is truly showing us is the existence of a frontier that separates something that is present (occurring above the surface) from something that can only be guessed (occurring below the surface). A membrane that, while denouncing the force of the wind and rain, is being fustigated and imprinted by something that is felt but isn't seen.

What one sees is the expression of its influence on a stirred surface, making us understand that there is something that lies beyond appearances or a first reading.

Likewise, Alvim displays another work (*The Soul of Things*), which acts as a counterpart to the video, and is made from a single piece of milky quartz. Its weight, body and density, take on a strong physical presence. Nonetheless, this work points us, again, towards a reality that stands beyond evidence.

The stone is, first and foremost, a material entity that follows a particular drive and reason. An order that instead of being in the liquid state crystalized itself as a solid body. Therefore, its presence reminds us that what animates any form of existence is a system of atomic relations that rise from a different kind of will. A will that in order to be fully understood requires as well a new awareness and a new way of looking at things.

That is also what we recognize in the triptych made by the small photographs, which, adopting the sentence by William Shakespeare 'When shall we three meet again...?' shows us a seagull gradually disappearing into a dark and cloudy sky. The sentence comes from *Macbeth*; it's said by one of the three witches who, in the play, manage the power relations and lead events to their manifestation. So, if the disappearance of the seagull connects us to a condition of impermanence, the framing that this sentence creates, takes us back to an existence that sits on the realm of an occult nature. But if, until now, we encountered things that would manifest themselves by fixed and named locations, whether a lake's surface, or a stone on the gallery's floor, these photographs manage, not only the evasion of the figure, but also the non definition of a place.

These photographs thus expand the idea of something that doesn't last; they invite the observer to experience deterritorialization. A deterritorialization that occurs between an entity and a location, where one's perception is amplified and one becomes a traveler.

This is to say that, if we've understood that the existence of something can manifest itself in different ways, and that its comprehension requires that we gain greater awareness, we've also understood that this awareness sits on movements that are indefinable, uncertain and fleeting.

The photograph *Telepathic Experiences*, fig.1 and 2 departs from the same principle, and the dimensional bond it explores mirrors a parallel between small and large scales.

A close-up of waves and an enlarged image of a new landscape, one of many suns, evoke other places that depart from internal experiences. As such, this reference to telepathic processes embraces a way of encountering and encompassing this other dimension that, because it's internal, requires movements that aren't really physical, but instead mental.

Alvim invites us to be the kind of traveller that moves his or her gaze, perception, and understanding, but not necessarily the body. It's an encouragement to take a personal voyage, where impermanence is the first condition that allows us to grasp, though fleetingly, the profound nature of things.

Finally, the diptych made by the photographs *An Image of Happiness* and *Empathy* also embraces movement, but this time not from a physical reality to a mental condition, but from a mental condition to a sensorial and metacognitive involvement.

The idea of empathy, which lays on the ability of recognizing oneself in others, is something that allows each individual to overcome him or herself, as it establishes a path that spurs awareness and transcends the singular. On the other hand, total darkness, in its complete and absorbing opaqueness, is a response to a state of potential transformation. In Buddhist philosophy black is the color (or its absence) that holds the necessary conditions for the transformation of the being. Consequently, as the title of this black image invokes a notion of happiness (*An Image of Happiness*) we are transported to a potential encounter of plenitude that the small image depicting a mountainous landscape (*Empathy*) supports and reinforces. So, this potential plenitude, this vast possibility of enchantment, arises by a mutation that takes place within us. A mutation that takes place when, after subjecting ourselves to change, we expand internally. Expansion, change or movement towards another territory that the small photograph, in empathy, alludes to. Making us realize the gap that lies in-between things and the condition of a traveller.

text by: Sérgio Fazenda Rodrigues, October 2016

translation by: Catarina Oliveira, October 2016

BIOGRAPHY

Marta Alvim (1979, PT) is a visual artist, writer and experimental filmmaker. Her works mark the passage from inner dimensions to the outside world. Aiming transformation and exploring Man's relationships with knowledge, spirituality and the Natural world, her works strive to find new power relations in modern day society.

Through the use of film, installation and photography she explores the convergences between matter and thought, often addressing fiction, ethics, dream and invisibility in unconventional and profound storytelling. Embracing metaphysics and ideas of compassion and subjectivity, Alvim's works seek a new ecology, venturing in a third place where new ways of thinking may generate a yet-to-come society, capable of living together.

Alvim's works have been presented in museums, independent film festivals, galleries and art centers, standing out, among others, MARCO (Spain), CGAC (Spain), Solar – Galeria de Arte Cinemática (Portugal), MUNHAC (Portugal), EDP Foundation (Portugal), Bancaja Foundation (Spain), Budapest International Short film Festival (Hungary), ExTeresa Arte Actual (Mexico), Cologne International Videoart Festival, (Germany), Streaming Museum (USA) and Labin Biennale (Croatia).